

## ERA DIGITAL, HUMANIDADES DIGITAIS E INTELIGÊNCIA COLETIVA: SOMOS CIDADÃOS AUTOMATIZADOS

Márcia do Socorro Coêlho de Oliveira<sup>1</sup>

### RESUMO:

Ao abordar a temática do novo tipo de humanidade, a humanidade digital, o presente artigo objetivou ressaltar algumas características desta parte do século XXI a que estamos expostos: sobre aspectos da era digital e da importância do desenvolvimento da inteligência coletiva. O caminho metodológico utilizado foi a pesquisa bibliográfica, pautando-se, principalmente, nas concepções de Agamben (2005), Lévy(2007; 2017; 2019) e Harari (2018), os quais nos proporcionam refletir sobre este assunto desde que as mídias e tudo o que é digital começaram a manipular o pensamento e as ações humanas. Por meio de uma abordagem qualitativa, com base na teoria apresentada, construiu-se uma literatura reflexiva que visa colaborar com o homem da atualidade, o cidadão automatizado, não que seja um robô, mas que é (ou está) “escravo” das plataformas digitais. Concluiu-se, assim, que é importante que se façam reflexões acerca da consciência coletiva e o exercício do poder, pois as relações sociais e políticas deste século em diante serão, cada vez mais, pautadas no que é digital.

**PALAVRAS-CHAVE:** Era Digital; Humanidades Digitais; Inteligência Coletiva Reflexiva.

## DIGITAL ERA, DIGITAL HUMANITIES AND COLLECTIVE INTELLIGENCE: WE ARE AUTOMATED CITIZENS

### ABSTRACT:

In addressing the theme of the new type of humanity, digital humanity, this article aimed to highlight some characteristics of this part of the 21st century to which we are exposed: on aspects of the digital age and the importance of the development of collective intelligence. The methodological path used was

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Humanidades, Culturas e Artes, pela Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO). Mestre em Letras (PROFLETRAS-2016), pela Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT) - Campus Universitário de Sinop (MT). Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Literatura e em Arte & Educação, pela UNIASSELVI e em Metodologia do Ensino da Língua Espanhola, pela FTC. Graduada em Letras/Inglês, pela Universidade Federal do Pará (2016), em Artes Visuais pela UNIASSELVI (2013) e em Letras/Português, pela Universidade Federal do Pará (2004). Atuação docente na área de Linguagens, com ênfase em Linguística Aplicada, Variação Linguística, Língua Portuguesa, Inglesa, Espanhola, Literatura Brasileira, Portuguesa e Artes Visuais. Pesquisadora de Sociolinguística Variacionista, Formação de Professores de Língua Portuguesa e Letramento Digital.

bibliographical research, based mainly on the conceptions of Agamben (2005), Lévy (2007; 2017; 2019) and Harari (2018), which provide us to reflect on this subject since the media and everything that is digital began to manipulate human thought and actions. Through a qualitative approach, based on the theory presented, a reflexive literature was constructed that aims to collaborate with the man of today, the automated citizen, not that he is a robot, but that he is (or is) "slave" to digital platforms. It was concluded, therefore, that it is important to reflect on collective consciousness and the exercise of power, because the social and political relations of this century onwards will be increasingly based on what is digital.

**KEYWORDS:** Digital Age; Digital Humanities; Reflective Collective Intelligence.

## 1 INTRODUÇÃO

Em plena era da informação e do digital, você já deve ter ouvido falar em Giorgio Agamben, Pierre Lévy e Yuval Harari. Tais pesquisadores oferecem ricas contribuições a respeito do quanto somos/nos tornamos cidadãos que não conseguem mais viver desconectados das informações, das comunicações e das interrelações via Internet, sendo referendados na maioria das tessituras desta literatura.

Neste sentido, o presente artigo visa elucidar algumas reflexões acerca dos aspectos que circundam a era digital e dos rumos que a humanidade vem seguindo para sua sobrevivência no universo *online*.

Para atingir tal objetivo, realizou-se pesquisa bibliográfica, pautando-se na conexão teórica entre os autores no que concerne aos tratados da temática sobre humanidades digitais, era digital e inteligência coletiva.

O formato deste artigo compreende a estruturação de tópicos. O primeiro, da parte textual, apresentará considerações a respeito de breves aspectos sobre as evoluções tecnológicas que caracterizam uma parte do século XXI; em seguida, tratar-se-á sobre a humanidade na era digital, ampliando-se com um subtópico sobre os dispositivos; e o terceiro dissertará, mesmo que provisório, sobre a inteligência coletiva e os impactos causados nas interrelações pessoais.

De antemão, merece destaque o fato de que o ser humano deve sempre atentar para suas informações, pois, no exercício do poder, saber sobre o outro constitui uma das premissas fundamentais para se estar no controle social e,

assim, exercer influência na vida das pessoas de modo a estabelecer o mando político das decisões, temática a qual urge demasiada e constante reflexão.

Assim, de modo geral, os tópicos que se seguem induzem (ou tentam induzir) a uma reflexão sobre inteligência coletiva e o exercício do poder, na tentativa de colaborar para a formação de cidadão emancipado do poderio digital, mas que, “nunca mais”, vai deixar de se desconectar, haja vista a presença da Internet e das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação serem de suma importância para as relações sociais e políticas deste século em diante.

## 2 SÉCULO XXI: PLANETA INTERCONECTADO

A conexão via tecnologias digitais constitui um dos aspectos do tempo em que vivemos. E, para alguns, ainda, causa estranheza ser dependente de Internet e do chamado “Sistema” para dar seguimento em algumas situações de vida.

Sobre esse impacto decorrente de um planeta que, agora, está interconectado, Lévy (2019) antecipa, em seu ensaio, que gostaria de responder uma pergunta que assusta a homens bons: “como renovar e avançar o humanismo e os ideais da emancipação iluminista no planeta interconectado do século XXI?” (LÉVY, 2019).

Sem dúvida, a resposta desta pergunta iria colaborar para que muitas pessoas saíssem da obscuridade do mundo digital ou até desapegar-se do *modus vivendi* do mundo antes da chegada do digital. Uma reflexão um tanto paradoxal, mas necessária.

Neste contexto, Harari (2018, p. 11), pontua que “Num mundo inundado de informações irrelevantes, clareza é poder. [...]. Como historiador, não posso dar às pessoas alimento ou roupas – mas posso tentar oferecer alguma clareza, ajudando assim a equilibrar o jogo global.”

Essas duas proposições indicam o quão é importante manter-se informado em meio a tantas informações e subjetivações neste jogo global do mundo digital.

Para compreender essa evolução de acessos ao mundo interconectado, Lévy (2007) nos apresenta a seguinte pesquisa:

Em 1994, mais de 20 milhões de pessoas, essencialmente jovens, estavam “conectados”. As previsões giram em torno de 100 milhões de usuários para o ano 2000. **Graças às redes digitais**, as pessoas trocam todo tipo de mensagens entre indivíduos ou no interior de grupos, participam de conferências eletrônicas sobre milhares de temas diferentes, têm acesso às informações públicas contidas nos computadores que participam da rede, dispõem da força de cálculo de máquinas situadas a milhares de quilômetros, constroem juntos mundos virtuais puramente lúdicos — ou mais sérios —, constituem uns para os outros uma imensa enciclopédia viva, desenvolvem projetos políticos, amizades, cooperações..., mas dedicam-se também ao ódio e à enganação. (LÉVY, 2007, p. 12). *Grifo nosso*.

A previsão de Lévy (2007) era de um salto de 20 para 100 milhões, mas conforme pesquisas posteriores, como a realizada pela União Internacional das Telecomunicações (UIT), órgão vinculado à Organização das Nações Unidas (ONU), essa quantificação foi 400 milhões.

O destaque na expressão “graças às redes digitais” revela que, foi por meio dela, que as pessoas passaram a realizar várias atividades, desde troca de mensagens para conversas informais até a efetivação de ações do trabalho, como conferências, por exemplo.

Ter um computador em rede, independentemente da distância geográfica entre os usuários, faz com que todos participem do mundo virtual, ora interagindo, ora obtendo informações somente, seja de forma lúdica ou formal.

Os inúmeros projetos advindos das redes digitais, como finaliza Lévy (2007), e que achamos oportuno mencionar evidencia que, junto às coisas boas na vida do cidadão, por outro lado, objetivam propagar ódio, violência e vários tipos de enganação, sendo que o próprio autor chama atenção à possibilidade que temos de refletir coletivamente sobre esses aspectos e, de certa forma, poder influenciar outras pessoas. (LÉVY, 2007).

Constitui, assim, um planeta interconectado, formado por bilhões de usuários, espalhados em espaços invisíveis, *in cloud*, apresentando novas maneiras de formar a sociedade, que ele define como “terra incógnita”, não se

sabendo, ao certo, “onde encontrar os mapas móveis desse espaço flutuante”. (LÉVY, 2007, p. 15).

12 anos mais tarde, ele pontua que “Estamos certos em criticar o Facebook. Mark Zuckerberg é hoje uma das pessoas mais odiadas pelas elites intelectuais europeias e americanas”. (LÉVY, 2019). Mas, o que isso tem a ver com as noções sobre terra incógnita?

O Facebook é trazido como um exemplo por que,

**O Facebook** foi, nas palavras de Tristan Harris, um ex-etnicista de design do Google, tornando-se **pioneiro em “tecnologia persuasiva”**. Ele explicou: “Um martelo, na sua mão, não é persuasivo — ele não tem suas próprias maneiras de manipular a pessoa que o segura. Mas o Facebook e o Snapchat, em suas características de design, estão convencendo um adolescente a acordar e ver foto após foto após foto de seus amigos se divertindo sem eles, mesmo que isso os faça se sentir pior.” (OSNOS, 2018). *Grifo nosso.*

Assim, mesmo presentes em espaços difíceis de serem mensurados, os usuários do Facebook são persuadidos por meio de inteligência artificial que influencia consideravelmente sobre sua vida e decisões que precisam tomar. Longe de ser algo manipulável, ele (o Facebook) constitui uma plataforma de manipulação de dados, que são informados pelos próprios usuários que, sem saber, fornecem as informações básicas para a realização desta persuasão.

Mas, como se dá o acesso a essas informações? Sobre isso, Lévy (2007) explicita que:

Durante a segunda metade do século XX, os pesquisadores desenvolveram algoritmos de inteligência artificial que pode simular a aprendizagem a partir de modelos imitando o comportamento de redes neurais. [...]. O algoritmo do Facebook determina nosso feed de leitura com base em nossas “*curtidas*”. (LÉVY, 2017, p. 21).

São, portanto, os famosos “likes” em postagens no Facebook que vão demonstrando exatamente como a pessoa é, do que gosta, do que precisa, do que lê e gosta de ouvir e/ou tem a ver com sua vida. A partir disto, aparecem inúmeras propagandas persuasivas que fazem com que o usuário atenda ao que está sendo propagado e, quem sabe, se sinta realizado.

Ao contrário disto, é importante refletir sobre outra percepção:

A caricatura de Zuckerberg é a de um autômato com **pouca consideração pelas dimensões humanas de seu trabalho**. A verdade é outra coisa: ele decidiu há muito tempo que **nenhuma mudança histórica é indolor**. [...] Entre a fala e a verdade, ele escolheu o discurso. Entre velocidade e perfeição, ele escolheu velocidade. Entre escala e segurança, ele escolheu escala. Sua vida até agora o convenceu de que ele pode resolver “problema após problema”, não importa o uivamento do público que possa causar. (OSNOS, 2018)

Com base nessas características do “dono” do Facebook, que agora também é do WhatsApp e do Instagram, é um CEO que acredita que “isto” é apenas o seu modo de trabalho, encarando as coisas de forma racional, sem tentar ou querer prejudicar ninguém.

Mas, como se vê em parte da entrevista que ele concedeu a OSNOS (2018), da “Ghost in the Machine”, suas escolhas fazem com que a persuasão exercida pelas referidas plataformas digitais de interação e comunicação continuem acontecendo cada vez mais, mesmo que uma parte do público reclame. É a combinação do discurso, velocidade e escala que, por meio das redes digitais sociais, faz com que as mudanças na história continuem acontecendo, mesmo que o impacto seja doloroso.

### 3 A HUMANIDADE NA ERA DIGITAL

As informações dos usuários podem ser facilmente percebidas por meio de um “click” dado, ocasionando, em certas situações, desencanto com a comunicação digital.

Segundo Lévy (2019), os dados dos usuários, que antes era algo privado, através das plataformas, são explorados, tendo sua privacidade invadida por pessoas desconhecidas. De posse dessas informações privadas, um exemplo pode ser percebido quando da influência de propaganda política, que se vale da inteligência artificial para manipulação de escolha de votos. É denominado por ele como um “discurso de ódio” semeado nas redes sociais, dando existências às flores do mal no jogo político.

Interessante observar que, em “Inteligência Coletiva”, Lévy (2007) destina um tópico denominado “Antropologia”; já em “O papel das Humanidades Digitais

no novo espaço político”, de 2019, ele mensura um tópico como “Mudança Antropológica”, chamando atenção para um fato:

Mas eu gostaria de observar **o fenômeno da Internet na escala de nossa espécie como um todo**. Em comparação com o século XIX, estamos lidando com **uma nova humanidade**: urbana, educada, mais saudável e a metade feminina que ganhou no poder. No entanto, quando passamos do século XX para o século XXI, essa humanidade **correu para o espaço digital**. Enquanto um por cento da população mundial estava conectada à Internet no final do século XX, superamos 55% em 2018. Apenas uma geração! Em dez ou quinze anos, a Ásia e a África se juntarão às taxas de conexão do resto do mundo e estaremos mais próximos da conexão de noventa por cento. (LÉVY, 2019, p. 6). *Grifo nosso*.

A mudança antropológica proferida pelo autor seria, então, a nova humanidade, a humanidade digital, marcada pela inserção da Internet nas relações humanas. Esta humanidade teve início quando se passou para o século XXI, conforme pontuou Lévy (2019), de conexão digital em que 1% de usuários no final do século XX saltou para 55% em 2018.

Esta característica da nova humanidade concedeu força à nova era, a era digital, unindo as pessoas de diversos e longínquos países e territórios por meio das redes digitais. E o que permite com que essa interação aconteça constitui temática específica no próximo subtópico – o que é dispositivo –, a qual, mesmo que de forma sucinta, colabora para que se entenda um pouco do universo digital.

### 3.1 OS DISPOSITIVOS E A IMPORTÂNCIA DA PRESERVAÇÃO DAS INFORMAÇÕES

A compreensão do que seja dispositivo advém de um pensamento de Foucault, segundo Agamben (2005), que ele resume em três pontos:

- 1) É um conjunto heterogêneo, que inclui virtualmente qualquer coisa, linguístico e não-linguístico no mesmo título: discursos, instituições, edifícios, leis, medidas de segurança, proposições filosóficas etc. O dispositivo em si mesmo é a rede que se estabelece entre esses elementos.
- 2) O dispositivo tem sempre uma função estratégica concreta e se inscreve sempre em uma relação de poder.
- 3) É algo de geral (um *reseau*, uma “rede”) porque inclui em si a episteme, que para Foucault é aquilo que em uma certa sociedade permite distinguir o

que é aceito como um enunciado científico daquilo que não é científico. (AGAMBEN, 2005, p. 9-10).

Porém, Agamben (2005) coloca que ele não encontra que Foucault mencione a palavra “dispositivo”, mas que usa uma semanticamente próxima, que é “positividade” (*positivité*).

Se “**positividade**” é o nome que, segundo Hyppolite, o jovem Hegel dá ao elemento histórico, com toda a sua carga de regras, ritos e instituições impostas aos indivíduos por um poder externo, mas que se torna, por assim dizer, **interiorizada nos sistemas das crenças e dos sentimentos**, então Foucault, tomando emprestado este termo (que se tornara mais tarde “dispositivo”) toma posição em relação a um problema decisivo, que é também o seu problema mais próprio: **a relação entre os indivíduos como seres vivos e o elemento histórico, entendendo com este termo o conjunto das instituições, dos processos de subjetivação e das regras em que se concretizam as relações de poder**. O objetivo último de Foucault não é, porém, como em Hegel, aquele de reconciliar os dois elementos. E nem mesmo o de enfatizar o conflito entre estes. Trata-se para ele antes de **investigar os modos concretos em que as positivities (ou os dispositivos) atuam nas relações, nos mecanismos e nos “jogos” de poder**. (AGAMBEN, 2005, p. 10-11). *Grifo nosso*.

Conforme a acepção de Agamben (2005), a positividade seria algo interno nos sistemas de crença e de sentimentos, de subjetividade, e que é importante que se conheça como se dá essa relação entre os indivíduos e que se estabelece nas relações de poder.

Mais adiante, Agamben (2005, p. 13) convida a abandonar o conceito foucaultiano sobre os dispositivos e situá-lo em um novo contexto:

[...] chamarei literalmente de dispositivo qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres vivos. Não somente, portanto, as prisões, os manicômios, o panóptico, as escolas, as confissões, as fábricas, as disciplinas, as medidas jurídicas etc., cuja conexão com o poder é em um certo sentido evidente, mas também a caneta, a escritura, a literatura, a filosofia, a agricultura, o cigarro, a navegação, os computadores, os telefones celulares e - porque não - a linguagem mesma, que é talvez o mais antigo dos dispositivos, em que há milhares e milhares de anos um primata - provavelmente sem dar-se conta das consequências que se seguiriam - teve a inconsciência de se deixar capturar.

Ao situar o termo dispositivo em um novo contexto, Agamben (2005) chama atenção para a reflexão de que tudo o que for capaz de exercer influência nas



relações humanas pode ser considerado dispositivo, com vistas a exercer controle nos indivíduos, sendo estes, em muitos casos, repletos de atitudes inconscientes sem perceber as consequências.

Estabelece, desta forma que,

Não seria provavelmente errado definir a **fase extrema da consolidação capitalista** que estamos vivendo como uma gigantesca acumulação e **proliferação dos dispositivos**. Certamente, desde que apareceu o homo sapiens havia dispositivos, mas dir-se-ia que hoje não haveria um só instante na vida dos indivíduos que não seja modelado, contaminado ou controlado por algum dispositivo. (AGAMBEN, 2005, p. 13). *Grifo nosso*.

Os dispositivos, na visão de Agamben (2005), existentes de forma deliberada configuram e consolidam a nova era que estamos vivendo, consolidando a fase capitalista, já que, como já se ressaltou, as influências das redes digitais persuadem os usuários, que são contaminados ou controlados pelos próprios dispositivos.

Mesmo assim, destruí-los ou usá-los de modo justo não seria a solução, definindo isto como uma atitude ingênua (AGAMBEN, 2005).

“O fato é que com toda a evidência os dispositivos não são um acidente no qual os homens caíram por acaso, mas eles têm a sua raiz no mesmo processo de ‘hominização’ que tornou ‘humanos’ os animais que classificamos sob a rubrica *homo sapiens*.” (AGAMBEN, 2005, p. 13-14).

O surgimento dos dispositivos se deu no curso natural do desenvolvimento da humanidade, ainda que suas implicações tenham impactos negativos para algumas pessoas.

**Todo dispositivo implica, com efeito, um processo de subjetivação**, sem o qual o dispositivo não pode funcionar como dispositivo de governo, mas se reduz a um mero exercício de violência. Foucault assim mostrou como, em uma sociedade disciplinar, os **dispositivos visam através de uma série de práticas e de discursos, de saberes e de exercícios, a criação de corpos dóceis, mas livres, que assumem a sua identidade e a sua “liberdade” enquanto sujeitos no processo mesmo do seu assujeitamento**. O dispositivo é, na realidade, antes de tudo, uma máquina que produz subjetivações, e enquanto tal é uma máquina de governo. (AGAMBEN, 2005, p. 14-15). *Grifo nosso*.

Nesse sentido teórico, falar em dispositivo e humanidades digitais indica considerá-lo como uma máquina de governo, que faz uso de discurso, de exercícios e de saberes de forma persuasiva, uma máquina de subjetivações, como pontua o autor.

Direita e esquerda, que se alternam hoje na gestão do poder, têm por isso bem pouco o que fazer com o contexto político do qual os termos provêm e dão nome simplesmente aos dois pólos - aquele que aposta sem escrúpulos sobre a dessubjetivação e aquele que gostaria ao invés de recobri-la com a máscara hipócrita do bom cidadão democrático - de uma mesma máquina governamental. (AGAMBEN, 2005, p. 15).

Isso mostra que, ao trocar de gestão de governo, independente de política partidária, os que detêm o poder continuam a querer exercer o poderio e o controle sobre as pessoas, e os dispositivos são bons aliados quando o poder está em jogo.

Conforme Agamben (2005, p. 15) ressalta:

É por um paradoxo somente aparente que o inócuo cidadão das democracias pós-industriais (*o bloom*, como eficazmente se sugeriu chamá-lo), que executa pontualmente tudo o que lhe é dito para fazer e deixa que os seus gestos cotidianos como a sua saúde, os seus divertimentos, as suas ocupações, a sua alimentação e os seus desejos sejam comandados e controlados por dispositivos até nos mínimos detalhes, e considerado - talvez exatamente por isso - pelo poder como um terrorista virtual.

Estamos no século XXI, e o homem já realizou muitas conquistas por seus direitos, teve muitos avanços na ciência e, mesmo assim, nem se dá conta de que está sendo controlado pelo poder das redes digitais, por um “terrorista virtual”, como Agamben (2005) se refere no final de sua concepção.

Seus divertimentos, sua saúde, seus desejos, sua alimentação e o mais íntimo de seus desejos são dispostos apenas por um clique, o que basta para que tenha sua privacidade invadida e sua vida externa influenciada por tudo o que vê, lê e escuta nas redes. Até por meio de sua fala, próxima a um aparelho tecnológico que esteja com rede social conectada à Internet, ele dá pistas (e certas) para que os dispositivos captem seus anseios e passem a controlar o que ele vai acessar em seu aparelho, e, claro, que tenha relação com seu perfil, com suas preferências.

Para que se possa agir conscientemente sobre essas reflexões, Harari (2018) nos proporciona a seguinte concepção:

Se quisermos evitar a concentração de toda a riqueza e de todo o poder nas mãos de uma pequena elite, a chave é regulamentar a propriedade dos dados. [...] Na era moderna, máquinas e fábricas tornaram-se mais importantes que a terra, e os esforços políticos focam-se no controle desses meios de produção. (HARARI, 2018, p. 107).

Na era digital, tudo o que é digital, ou coletado por meio virtual, tem renomada importância para aquele que detém o poder e não pretende perdê-lo. Por isso que o autor nos esclarece que um dos segredos estaria em regular nossos dados. Já estamos no contexto histórico quando as máquinas são mais importantes que os homens, mesmo que sejam os próprios homens que as construíram.

Adiante, ele pontua que “Humanos e máquinas poderão se fundir tão completamente que os humanos não serão capazes de sobreviver se estiverem desconectados da rede.” (HARARI, 2018, p. 107). E acrescenta que:

À medida que, através de sensores biométricos, cada vez mais dados fluírem de seu corpo e seu cérebro para máquinas inteligentes, será fácil para corporações e agências do governo conhecer você e tomar decisões por você. Mais importante ainda, eles são capazes de decifrar os mecanismos profundos de todos os corpos e cérebros, e com isso adquirir o poder de fazer a engenharia da vida. (HARARI, 2018, p. 109).

Isto denota o poder da inteligência artificial que capta com mais precisão as informações das pessoas que usam a biometria, facilitando as decisões que as agências governamentais e não-governamentais realizam por elas e para elas. Nesta concepção, Harari (2018) nos mostra que os dados decifrados pelas máquinas inteligentes fazem com que eles (os órgãos) tenham acesso a dados mais detalhados que lhes dão o poder de regulamentar a vida do cidadão automatizado.

Talvez por saberem/conhecerem o que as informações captadas pelas máquinas podem causar na vida das pessoas, Osnos (2018) fornece-nos uma concepção sobre a vida de Zuckerberg que vale a pena compartilhar:

**Ele e sua esposa preferem jogos de tabuleiro à televisão**, e, ao alcance do sofá, notei um jogo chamado Ricochet Robots. “Ele fica extremamente

competitivo”, disse Zuckerberg. [...]. Dave Morin, um ex-funcionário do Facebook que é o fundador e CEO da Sunrise Bio, uma startup que busca cura para a depressão, costumava jogar Risk com Zuckerberg no escritório. **“Ele não está jogando com você em um jogo de Risco. Ele está jogando com você em um jogo de jogos”**, me disse Morin. “No primeiro jogo, ele pode acumular todos os seus exércitos em uma propriedade, e no próximo jogo ele pode espalhá-los por todo o lugar. **Ele está tentando descobrir a maneira psicológica de vencê-lo em todos os jogos**”. *Grifo nosso.*

Portanto, mesmo que todos os jogos tradicionais existam de forma digital (*on* ou *offline*), Zuckerberg e sua família preferem os de tabuleiros ou material concreto, com a crença de que, por meio real, o jogo não constitui um jogo de riscos, pois não há como o(s) adversário(s) coletar(em) seus dados, os quais permanecerão com você e em sua mente.

Os exemplos citados: “Ricochet Robots” e “Risk” são exemplos de entretenimentos (jogos) que, em vez da forma *online*, eles jogam de modo presencial, como é colocado é “um jogo de jogos”, mas sempre com vistas a entender como está funcionando o psicológico do seu oponente.

Em relação ao acesso à informação e atualização sobre os acontecimentos do mundo,

Uma vez perguntei ao Zuckerberg o que ele lê para receber a notícia. “Eu provavelmente **leio** principalmente **agregadores**”, disse ele. “Eu definitivamente **sigo techmeme**” — um resumo das manchetes sobre sua indústria — e a **mídia** e **equivalentes políticos** disso, **apenas para a conscientização**.” Ele continuou: “Não há realmente nenhum jornal que eu pegue e leia de frente para trás. Bem, isso pode ser verdade para a maioria das pessoas hoje em dia — **a maioria das pessoas não lê o jornal físico** — mas não há muitos sites de notícias onde eu vou navegar.” (OSNOS, 2018). *Grifo nosso.*

Como se poder observar, o CEO do Facebook não dedica horas do seu tempo a ficar acessando sites e mais sites para se manter informado, só os agregadores satisfazem suas necessidades de acesso às informações, e se detém a olhar resumos de manchetes, mas de sua indústria. Interessa mais, para ele, sobre sua vida, seus negócios. E é feliz em responder que muitas pessoas, atualmente, não lê um jornal inteiro, as pessoas sempre leem a parte que lhes interessa.

Ao ficar “fora” da Internet e não expor seus dados, Zuckerberg sabe como proteger suas informações, conhece melhor que ninguém a estrutura e funcionamento da inteligência artificial.

Com base nas análises feitas até aqui, no tópico seguinte, serão discutidas algumas literaturas a respeito da importância da reflexão sobre inteligência coletiva e do pensamento da humanidade na era digital.

#### 4 INTELIGÊNCIA COLETIVA E NOVAS FORMAS DE PENSAR

Dentro do sistema de signo linguístico, este é formado pelo significante e pelo significado. Segundo o pai da Linguística Moderna, Ferdinand Saussure (1857-1913), o primeiro constitui o som, a imagem acústica e o segundo o conceito.

Relacionando esta concepção com a temática abordada neste artigo, mais precisamente neste tópico, para Levy (2017), os símbolos são manipulados por meio de suas partes significantes, as quais são o manipulável sensível do significado, exemplificando que “os meios de comunicação intervêm justamente neste ponto: são as máquinas-ferramentas que utilizamos para registrar, preservar, mostrar e **mobilizar os significantes. Eles cuidam do meio e do movimento das mensagens.**” (LÉVY, 2017, p. 4. *Grifo nosso*).

É através da mobilização dos significantes que há interferência no meio e no desenvolvimento das mensagens, já que são criadas conforme o significado manipulado. No universo digital, quem seriam esses meios?

O primeiro meio é o corpo humano vivo: atitudes, gestos, danças, canções, palavras, tatuagens, máscaras, penteados, roupas ... Os primeiros motores simbólicos são os nossos órgãos: língua, mão, perna ... Todas as outras mídias transferem operações simbólicas realizadas inicialmente pelo organismo humano em relação a suportes e agentes externos. [...]. Enfim, as mensagens são movidas por arranjos técnicos complexos: os correios ou o telefone as transmitem, a imprensa as duplica, o rádio as transmite e os computadores as transformam. (LÉVY, 2017, p. 5).

Influenciando o meio, o significante envia informações que, primeiro, são transmitidas pelo próprio organismo até chegar no computador que pega esses dados e os transformam de forma persuasiva, e, quando nem percebe, o pensamento já está sendo levado pelo que está proposto na mídia.

Por isso, Lévy (2019) ressalta que é preciso termos cuidado ao criticar o *Facebook*.

Não esqueçamos que, desde pelo menos 2015, a cada eleição, todos os partidos políticos vêm construindo estruturas impressionantes para o controle estratégico da comunicação para influência nas mídias sociais e que sua ação, guiada por dados, invariavelmente utiliza técnicas de microcirculação dos eleitores. [...]

Assim, o novo espaço público digital reforça os reflexos narcisistas de um indivíduo rei, dependente de likes, obcecado com sua contagem de “amigos” ou seguidores, imitando-se em sua pequena rede de pares e relés de opinião, trancado nas bolhas cognitivas de uma máquina sociotécnica que só o envia de volta para ler, ouvir ou assistir o que ele gosta. (LÉVY, 2019, p. 4).

Nesse caso, o Facebook é de muita valia no jogo do poder, que compreende o cenário político, fornecendo dados importantíssimos para que se realize o controle das mensagens e da informação, e, para quem está envolvido nesse contexto, isso é algo significativo.

Por outro lado, os indivíduos que são dependentes de likes, conforme esclarece Lévy (2019), tem reforçado seu lado narcisista no novo espaço público digital. Isso porque, hoje em dia, contas no *Instagram* e no *TikTok*, só para citar alguns, têm mais visibilidade quando se tem mais seguidores, bem como as postagens têm mais curtidas. É um fenômeno que já se tornou convencional no século em que estamos.

No Facebook, as “News”, os “posts” são feitos usando-se a palavra, por meio da linguagem, do discurso, como se vê e se sabe. Para Foucault (1996, p. 21), “existem, evidentemente, muitos outros procedimentos de controle e de delimitação do discurso”, sendo um deles “o comentário”, sendo que o comentário “permite construir novos discursos” (p. 25).

A colocação de Foucault sobre a relevância de um comentário é da metade da década de 90, mas que parece ser atual. Hoje em dia, os comentários em “posts” são tão importantes quanto as próprias mensagens iniciais, dando continuidade e reforço na temática pretendida, por meio da construção de novos discursos.

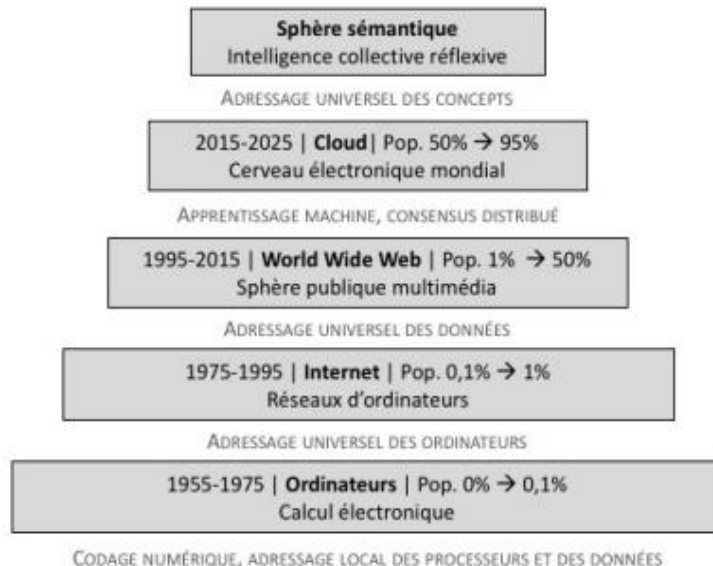
Na visão de Lévy (2017), o pensamento humano ainda continua “preso” em fenômenos anteriores, não se dando conta como deveria nos aspectos da

inteligência artificial, tal como ele ressalta do seguinte modo: “os **algoritmos** ainda não são percebidos na consciência coletiva como o **novo meio de comunicação e pensamento humano**. Continuamos fascinados pela lógica de divulgação das mídias anteriores.” (LÉVY, 2017, p. 19). *Grifo nosso*.

À medida que o ser humano da atualidade mudar sua forma de pensar sobre a presença da rede digital, que somos cidadãos automatizados, que precisamos preservar nossos dados, refletir para poder decidir o que clicar e o que falar próximo às tecnologias conectadas à Internet, teremos nossa identidade mais preservada, restringindo nossas informações e não sendo um escravo digital.

Na Fig. 1, Levy (2017) apresenta a pirâmide do algoritmo para que se tenha uma visão de como está ocorrendo as formas de pensar do homem desde a chegada dos computadores, em 1955, até um futuro além de 2025.

**Figura 1:** A pirâmide do algoritmo



**Fonte:** Lévy (2017, p. 4).

Na base, que vai de 1955 a 1975, os primeiros *computadores* preocuparam menos de um por cento da população mundial. Fase denominada de “Codificação digital de processadores e dados”, em que os computadores serviam apenas para a realização de cálculos. (LEVY, 2017).

Acima da base, em “Endereçamento universal do computador”, que se deu entre 1975 e 1995, os computadores particulares e o advento da *Internet* fizeram com que jovens urbanos fossem mais criativos, principalmente nos países ricos: pouco mais de um por cento da população. (LEVY, 2017).

Na terceira fase, de 1995 a 2015, ele denominou de “era da *Web*”, período em que surgia uma nova mentalidade sobre a multimídia e cerca de 50% da população do mundo fazia conexão. (LEVY, 2017).

De 2015 e, conforme sua previsão a 2015, Levy (2017) denomina de “The Cloud Era”, em que os dados começavam a ficar armazenados em nuvens, conectando quase toda a humanidade a um cérebro global digital, simulando redes. Aqui, insere-se mais massivamente a presença da inteligência artificial, com forte presença dos algoritmos.

Por fim, no topo, em que se espera a inteligência coletiva reflexiva, Levy (2017) chama de “estágio hipotético da *Esfera Semântica*”, havendo uma abordagem universal de conceitos presentes no universo digital.

Em um ensaio posterior, Levy (2019) pontua:

Nossa inteligência coletiva estende a das espécies sociais que nos precederam, e especialmente a dos grandes macacos. Mas o uso da linguagem - e outros sistemas simbólicos - bem como a **força de nossos meios técnicos nos fez passar de um animal social para um animal político**. Com a linguagem vieram instituições sociais complexas, a reflexão, a criação e a troca de ideias. Estritamente humana, a *Polis* emerge da simbiose entre ecossistemas de ideias e as populações de primatas falantes que sustentam, se alimentam e refletem sobre eles. A evolução das ideias e as das bancadas sapiens determinam umas às outras. No entanto, **o principal fator na evolução das ideias está no dispositivo material de reprodução de símbolos**. (LÉVY, 2019, p. 6). *Grifo nosso*.

A maior parte da população mundial está migrando para as plataformas digitais, a exposição de nossos dados na mídia fez-nos mudar para um humano digital, transformando nosso pensamento e forma de se relacionar.

Em vez de sair de casa, muitas pessoas preferem ficar acessando *Google*, *Facebook*, *Netflix*, *Instagram*, usar *deliveries* em aplicativos como *Uber Eats*, *IFood*, ou até mesmo usar as plataformas digitais para ficar trabalhando de casa.

Lévy (2019) chama a atenção para as incessantes *Fake News*<sup>ii</sup> lançadas nas redes, dizendo que:



Finalmente, nenhum sistema de inteligência artificial nos protegerá de “notícias falsas” e manipulações de todos os tipos. O único remédio sério para a conduta de lado negro e a melhor maneira de atualizar as virtualidades positivas do novo meio são a educação das populações e, principalmente, sua formação em comunicação pensativa e pensamento crítico. (LÉVY, 2019, p. 11).

Envoltos e vislumbrados com o que a rede nos oferece, se continuarmos a deliberar nossos dados, seremos manipulados cada vez mais. Para ele, uma saída estaria na educação da humanidade, a fim de formar um pensamento reflexivo e uma mentalidade pensante sobre as influências e manipulações do universo digital.

“A inteligência coletiva, lembremos, é uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada e mobilizada em tempo real.” (LÉVY, 2007, p. 30). De modo coletivo, a velocidade, a mesma que fascina Zuckerberg e o discurso, a arma dos terroristas virtuais, renderiam pontos positivos para a humanidade digital que, longe de ser cada vez mais manipulada pela rede, ofereceria mais aprendizado ao ser humano, não se deixando escravizar pelo que é oferecido na mídia.

## 5 CONCLUSÃO

Pôde-se contemplar muitas reflexões embasadas em autores que tratam sobre a influência do digital e a manipulação dos dados por meio de dispositivos e de algoritmos, que, no universo do poder, garantem que uma parte pequena da população fique cada vez mais rica.

Isto porque, os dados das pessoas, atualmente, são informações preciosas que, dependendo de qual mão esteja no controle, ora da direita, ora da esquerda, o poder político nunca estará enfraquecido.

Por conta de vários fatores explanados no decorrer desta pesquisa, reforça-se a noção de que a humanidade precisa valorizar mais suas informações e não deixar expor-se na rede, desde um simples “like” até uma fala próxima a um aparelho com aplicativo *online*, os denominados “terroristas virtuais” estão a postos para coletar os dados do usuário. Como se viu, o que está em jogo no exercício e planejamento desses dados é o poder pelo poder.

De forma bastante citada, o *Facebook* foi tomado como exemplo de uma plataforma de persuasão que induz os seus membros a acessarem produtos que lhes interessam, sendo que os objetos desse interesse foram, ingenuamente, fornecidos pelos próprios usuários. Aqui, chamamos atenção para o poder da inteligência artificial em ser algo manipulável neste universo digital.

Conforme pontuou Levy (2019), a humanidade pulou tão rapidamente para a era digital que, nem se deu conta, e já acordava (ou dorme) com o celular nas mãos ou embaixo do travesseiro, o fenômeno da Internet, em 2020, pulou para 400 milhões de usuários conectados, unindo as pessoas em uma rede global, independente da distância geográfica, quebrando as barreiras e fronteiras do mundo real, sendo que Lévy, em 2007, previu que seriam 100 milhões.

Outro fator da inteligência artificial que capta as informações das pessoas é o sensor biométrico, concebido por Harari (2018), proporcionando que se conheçam mais dados da pessoa e, assim, de posse das informações, as entidades terão mais produtos a oferecer.

Em suma, notícias falsas sempre vão existir, pois faz parte do jogo do poder, os dispositivos serão sempre influenciáveis em nossas decisões, a inteligência artificial está tomando conta de nossas vidas, há manipulações digitais por todos os lados, em várias plataformas.

Uma das soluções para amenizar estes problemas citados, e que nunca mais deixarão de existir, conforme Lévy (2019) propôs, reside em um projeto educacional para a população afim de conceber um pensamento crítico, uma inteligência coletiva reflexiva. Desta forma, nos protegeríamos mais das manipulações e de várias formas de persuasão digital.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo? **Outra travessia 5**. Tradução de Nilceia Valdati. Ilha de Santa Catarina - 2º semestre de 2005.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no College de France, Pronunciada em 2 de dezembro de 1970 tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

HARARI, Yuval Noah. **21 lições para o século 21** / Yuval Noah Harari; tradução Paulo Geiger. 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

LEVY, Pierre. Le rôle des humanités numériques dans le nouvel espace politique. 2019. **Sens public**. Disponível em: <http://sens-public.org/articles/1369/>. Acesso em 15 mai. 2021.

\_\_\_\_\_. **Inteligência Coletiva**. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

\_\_\_\_\_. A pirâmide algorítmica. **Sens public**, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.7202/1048859ar>. Acesso em 02 jun. 2021.

OSNOS, Evan. Mark Zuckerberg pode consertar o Facebook antes de quebrar a democracia? **The New Yorker**. Publicado na edição impressa do 17 de setembro de 2018, edição, com a manchete "Ghost in the Machine". Disponível em: [Mark Zuckerberg pode consertar o Facebook antes de quebrar a democracia!? The New Yorker](#). Acesso em 29 jun. 2021.

---

<sup>i</sup> Em nuvem.

<sup>ii</sup> Notícias falsas.